

“PANO ENCANTADO”

Marcelo Rodrigues do Prado Júnior

Ciranda Escola

Este relato de experiência trata-se das aulas de educação física de uma turma de maternal em uma escola particular de educação infantil e ensino fundamental I do distrito de Barão Geraldo em Campinas SP. Iniciei na escola como professor de educação física (EF) no mês de março de 2018, a minha primeira experiência assumindo o componente curricular, anteriormente já atuava na instituição (e em outras) como professor de capoeira (aulas extras). Com o convite para assumir as aulas, acompanhei a professora de educação física anterior durante duas semanas conhecendo mais das crianças, da rotina da escola, do planejamento, das professoras de sala. Decido neste momento compartilhar a experiência que tive com uma turma de maternal, crianças com aproximadamente 2 anos de idade.

Quando assumi a turma, a professora de EF anterior estava trabalhando com o tema “jogar bola”, decidi continuar a tematização e ao longo das aulas do mês de março percebi que seria interessante tematizar manifestações da cultura corporal que utilizam outros objetos. Durante o cotidiano da escola através de observações extra horário da aula de educação física, na sala com a pedagoga, no parque, no momento do lanche, no momento do sono, no momento do banho e nos momentos de transição de um espaço para outro, percebi que as crianças utilizavam todo tipo de objeto/ material como brinquedo. Estas crianças, ainda pouco escolarizadas, transitam pelos espaços de maneira muito interessante e os seus olhares se tornam um convite para outras maneiras de significar o mundo.

Ao transitar os espaços da escola, a fila e as ordens dadas/ combinadas com a professora de sala são transgredidas ao encontro com as formigas ou por alguma borboleta que resolve se apresentar, pelo passarinho apostando corrida ou pelo avião que corta o céu, e até pela horta da escola que se torna uma experimentação de sabores onde em cada momento de passagem é um pouco de cebolinha, boldo, hortelã, salsinha que se experimenta.

Nesse contexto e buscando subsídios na perspectiva cultural da educação física, através do mapeamento um dos materiais que me chamou atenção foi o pano, utilizado no banho, ao lavar as mãos antes do lanche, durante o lanche, na limpeza da mesa pós

lanche ou pós atividade pedagógica, durante grande parte do dia dessas crianças o pano era um objeto presente e que trazia algumas representações que foram percebidas, decidi então investigar quais as práticas corporais utilizando o pano faziam parte da cultura corporal dessas crianças do maternal.

Entendendo a cultura corporal, objeto de estudo da EF, como um campo de luta por significados que são expressos através das práticas corporais, tive como objetivo identificar brincadeiras utilizando pano/ tecido que fazem parte da cultura corporal das crianças do maternal desta escola; Socializar e experimentar as brincadeiras com pano/ tecido ampliando os conhecimentos a respeito dessas práticas corporais; Problematizar os modos de brincar que apareceram buscando novos significados para a prática.

Antes de iniciar levantei alguns panos que seriam interessantes para nossas atividades, parecidos de alguma forma com os panos que faziam parte do cotidiano das crianças. Acabei selecionando o tule cortado em pedaços pequenos (como corriqueiramente se utiliza em atividades de malabares circense) e o tnt (bastante comum nas escolas).

No primeiro encontro, conversei com as crianças sobre os diversos objetos que brincavam e apresentei um pedaço pequeno do pano tule (aproximadamente 25cm x 25cm). Logo nos primeiros minutos que o pano estava disponibilizado para as crianças percebi que começaram a passar o pano no chão, no corpo, na parede, em um brinquedo que estava próximo e perguntei o que estavam fazendo, algumas responderam que estavam limpando. Após alguns minutos das limpezas que as crianças estavam realizando achei importante tencionar outros modos de brincar, e comecei a perguntar quais outras possibilidades existiam e que poderíamos realizar com o pano, mais do que depressa, equilibraram o tule na cabeça e rosto andando pelo espaço sem deixar cair, a partir deste momento cada criança começou uma pesquisa com o seu pedaço de pano, surgindo nesta aula jogar para cima, amassar deixando em formato de bola para depois jogar e pendurar o tecido na mão e pescoço.

Após alguns contatos e experiências, percebo grande dificuldade de comunicação com esta turma por serem crianças pequenas e que ainda não tem a fala como principal forma de representação. Sendo assim, questionamentos que antes eu pensava em fazer para as crianças, são feitos na base da observação. Perguntas como: vocês gostaram de experimentar o tule? Poderia compartilhar com a turma o modo que brincou que achou mais interessante? São lidos e interpretados por mim durante as experimentações e durante o cotidiano da escola. Uma criança que ficou a maior parte do

tempo das atividades com pano/ tecido com a atenção voltada para uma planta, para uma formiga ou qualquer outra coisa, interpreto que não se sentiu atraída para as brincadeiras. Assim, com estes registros a partir da observação e da conversa com as pedagogas penso/repensar as propostas do próximo encontro.

No segundo encontro, decido insistir com os tules, logo no início convido algumas crianças para recordar como brincamos no dia anterior. Em um segundo momento, disponibilizo os tules e comento que para este dia cada criança irá utilizar dois panos. Assisto os panos rodando por cima da cabeça das crianças e em outros momentos mais baixos, sendo colocados nos olhos como venda e sendo colocamos tampando o rosto todo e assoprando o tule fazendo ele voar, ainda sendo atribuídos novos significados como cinto e até saias.

Percebo que até este momento, o primeiro significado dado ao pano pela turma que era de limpeza, já é ampliado surgindo/ sendo compartilhado outros modos de brincar e atribuindo novos significados.

Com as observações fora do horário da aula, percebo uma prática muito recorrente em várias atividades da escola, não só nesta turma e sim aparecendo como uma característica da educação infantil: as cantigas! A partir disso, pesquisei algumas possibilidades de cantigas que tragam a temática que estamos trabalhando e selecionei a cantiga “meu pano encantado que quero ver uma coisa engraçada acontecer” e levo para as próximas aulas. Logo no início apresento a cantiga para as crianças e as convido a mostrarem como utilizamos o pano em nossas atividades.

No segundo momento deste mesmo dia, tencionando ampliar as experimentações, desafio as crianças a brincarem com o pano aberto, sem poder amassar. Assim surge panos sendo jogados e assoprados para o ar, panos sendo segurados bem esticados, quase rasgando colocando no próprio rosto, no rosto das outras crianças e em partes do nosso espaço como a parede e brinquedos, finalizando com o pano esticado no chão deitando em cima. Perguntei ainda como conseguiam brincar com o pano amassado, e surgiu modos de brincar como jogar, esconder em partes do corpo e na própria roupa. Para as próximas experiências planejo utilizar pedaços de pano de tnt (60cm x 20cm) e realizar nossas atividades não mais no tatame e sim em um local da escola que tem uma pista desenhada no chão e um posto de gasolina na parede.

Apresento os panos de tnt neste novo espaço da pista e posto de gasolina, com os panos disponibilizados logo pergunto quais modos de brincar sabemos e ainda se conseguimos brincar exatamente igual que o tule. Com poucos retornos através da fala,

vejo que as crianças limpam a pista e o posto de gasolina, correm seguindo as linhas da pista com o pano na mão e ainda pedem para a professora da sala e pra mim, amarrar o pano vendando os olhos. Em determinado momento uma das crianças cai correndo, choro dor, lágrima e colegas compartilhando este momento de dor, em meio as tentativas e dúvidas entre acalmar ou limpar o pequeno machucado, vejo um novo significado para o pano: um curativo! Qualquer das preocupações anteriores se perdem e todas as crianças

ficam com o joelho machucado e ainda com o próprio curativo. Ao final deste encontro vejo surgir mas não ser compartilhado entre as crianças um pano que vira sorvete (e que é devidamente chupado pela criança) e um pano que vira espada para lutar com os colegas.

Mesmo com receio dos conflitos que poderiam surgir e algumas crianças gripadas, decido no início do próximo encontro chamar as crianças da espada e do sorvete para compartilhar suas ressignificações através da cantiga “meu pano encantado eu quero ver uma coisa engraçada acontecer”, assim nossa aula vira uma sorveteria com sabores de chocolate, morango, creme até que uma espada interrompe nossas delícias. Antes que as espadas nos cortem, resolvo apresentar e disponibilizar um terceiro formato de tecido, este de viscolycra (12mt x 1,2mt) normalmente utilizado por minha companheira para suas aulas de tecido acrobático. Antes mesmo de qualquer explicação, conversa ou qualquer tipo de combinado, o tecido agora gigante ao olhar das crianças é atacado. Em um primeiro momento vejo crianças experimentando novas roupas, saias, vestidos, calças e posteriormente vejo o tecido virar lugar para se esconde e para ser puxado daqui pra lá e de lá pra cá.

Percebo que este tecido maior ainda pode nos trazer novos significados e insisto com ele em mais um encontro, logo no início trago uma questão: com o pano menor fizemos sorvete, espada e colar, o que este tecido vai ser? Neste dia então as crianças fizeram um pique nique, com o tecido bem aberto para que tivesse espaço para todas. Ainda outros significamos surgem: um barco, um rio com jacaré e até uma rede para balançar e dormir.

Todas estas ressignificações que o tecido adquiriu provavelmente fazem parte das manifestações da cultura corporal das crianças desta sala de maternal, sendo adquirida não só no espaço da escola, mas em outros locais de convivência. Ao significar um modo de brincar, estas crianças demonstram suas maneiras de ler o mundo e a forma como o representa, na maioria das vezes não através da linguagem, mas através das práticas corporais, modos de brincar, choro, mordidas, abraços, rabiscos e outras.

Para nosso último encontro com os panos, penso ser interessante disponibilizar os três tipos de tecido que experimentamos durante este período do “pano encantado”, assim, com os três tipos de pano a frente, se forma um pique nique com sorvete, um barco com espada, uma rede de balanço e as crianças variando os tipos de vestimenta. Como proposta para encerrar o tema, será encaminhado aos familiares um relato desta experiência com as crianças como forma de compartilhar os significados criados e compartilhados nos nossos encontros.

Percebo ao longo desta tematização que a avaliação através dos registros das falas das crianças, das percepções da pedagoga ou auxiliar e da observação das experiências proporcionadas foram extremamente importantes, não para avaliar criança por criança, mas para analisar o percurso escolhido e identificar quais experiências puderam contribuir para a ampliação do conhecimento das crianças e quais não tiveram sucesso. Vejo também que o pano/ tecido faz parte da cultural corporal das crianças da educação infantil e os significados já consolidados na cultura dos adultos (limpezas) são desterritorializados através dos olhares das crianças, sendo ressignificados de maneira a atender as produções culturais e leituras de mundo destas crianças.

Outras possibilidades foram e estão abertas a partir desta tematização que pude compartilhar, os caminhos estão abertos e são convites para transgredir os significados estabelecidos na cultura.